

**Dos circuitos do fogo à
cidade dos sonhos: A
trajetória de Francisco
Alcides Nascimento nas
pesquisas sobre a cidade
de Teresina**

Entrevista

Interview

Entrevista

Rodrigo Marley Queiroz Lima^{1, 2}

Entrevista realizada com o historiador Francisco Alcides do Nascimento, criador do Núcleo de História Oral – NHO/UFPI da Universidade Federal do Piauí (UFPI), referência nos estudos em história oral no Brasil.

Recebido em: 30.03.2016. Aceito em: 28.04.2016. Publicado em: 30.04.2016.

Francisco Alcides do Nascimento é piauiense, natural do município de Piri-piri. Desde cedo foi morar em Teresina, capital do estado do Piauí. Destacado por ser

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Bolsista CAPES. Desenvolve a pesquisa "OEIRAS (PI) E POSSIDÔNIO QUEIROZ: tempo, sensibilidade e representação sobre as representações da cidade de Oeiras, PI, através das cartas". Linha de pesquisa História, Cidades, Memória e Trabalho. E-mail: vertoncio@hotmail.com.

² Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, CEP: 64049-550, Teresina, Piauí, Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufp.2447-4266.2016v2n1p351>

referência nos estudos que seguem a linha de pesquisa História e Cidade, desenvolveu importantes pesquisas que colaboraram a historiografia piauiense partindo da metodologia da História Oral. Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Possui doutorado em história pela Universidade Federal do Pernambuco, sob a orientação de Antônio Torres Montenegro (1999) e realizou estágio de Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, em 2012. Iniciou sua experiência com a metodologia da história oral através do trabalho que desenvolveu na antiga Fundação CEPRO. De lá para cá estabeleceu olhares sobre a linha de pesquisa História, Cidade, Memória e Trabalho. Em 1994 participa da criação da Associação Brasileira de História Oral. Na mesma época une-se a outros professores da UFPI para criar o Núcleo de História Oral – NHO/UFPI. Concedeu essa entrevista no seu apartamento às vésperas da Defesa do Memorial - progressão para o título de Professor Titular. Revela nuances da sua trajetória como pesquisador, o envolvimento com a história oral, entrevistados, sua pesquisa sobre os incêndios em Teresina na década de 1940 e os atuais interesses.

Rodrigo Queiroz – Boa tarde, Prof. Alcides Nascimento. Sou Rodrigo Queiroz, aluno do mestrado em História do Brasil do Programa de Pós-graduação em História do Brasil, pela Universidade Federal do Piauí e, iniciamos nosso diálogo sempre perguntando onde nasceu e como veio parar aqui na cidade de Teresina.

Alcides Nascimento – Boa tarde. Eu sou natural de Piri-piri. Cidade localizada ao norte de Teresina, aproximadamente 164km. Nasci na zona rural do município, no dia 28 de fevereiro de 1952. Mas vivi muito pouco tempo lá, porque meu pai trabalhava no DNOCS, perfurando poços artesianos pelo sertão do Piauí, razão pela qual tinha que deslocar-se periodicamente de um município para outro.

RQ – O senhor atua na linha de pesquisa Cidade, Memória e Trabalho, e quase sempre emprega a metodologia da História Oral. Quando dá início às suas pesquisas tendo como temática cidade e o emprego de entrevistas como metodologia?

AN – O meu primeiro contato com a metodologia deu-se em 1986, quando Luís Carlos Prestes veio ao Piauí, para ser homenageado em Oeiras³. Foi a primeira entrevista da qual participei, realizada por Manoel Domingos Neto e Geraldo Borges. Nesse momento estava sendo articulada a minha ida para o Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO⁴. É aí que eu começo a trabalhar com a metodologia da História Oral. Vou desenvolver pesquisas no arquivo pra preparar roteiros de entrevistas. Eu e Geraldo Borges entrevistamos João Clímaco d' Almeida, Odonel Leão Marinho, que era o dentista e foi acusado de ser comunista. Eu fiz uma longa entrevista, com Arimatéa Tito Filho, mas não a concluí, porque ele morreu antes. Em determinado momento, começo a coordenar o Núcleo, mas ele já estava passando por dificuldades financeiras. O projeto inicial tinha a pretensão de ouvir pessoas ligadas à elite política, econômica e social, seguindo o modelo desenvolvido pelo CPDOC: ex-senadores, ex-governadores, ex-deputados federais. Sem deixar esse foco, passo a trabalhar com pessoas ligadas aos movimentos sociais. Eu vou entrevistar um pedreiro que foi mestre de obras, chamado Antônio Vieira Sales, mais conhecido como "Pintinho". Em determinado momento, se destacou como mestre de obras e foi vereador de Teresina. Entrevistei um marceneiro, acusado de ser comunista.

³ Luís Carlos Prestes aceita convite para receber homenagens da Academia Piauiense de Letras - APL e do Instituto Histórico de Oeiras – IHO, passando por Teresina e Oeiras, em 1987.

⁴ Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí. Criada em 1971 com o objetivo inicial de produzir informações estatísticas sobre o estado que pudessem colaborar com o desenvolvimento econômico e social. Mais tarde suas pesquisas proporcionam contribuições sobre a produção do conhecimento nas mais variadas áreas: documentos técnicos, diagnósticos, relatórios de pesquisa, ensaios, perfis, projetos, estudos diversos, periódicos, etc.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

Entrevistei um professor chamado Francisco Cunha e Silva, que também foi acusado de ser comunista e escreveu livros como *Copa e Cozinha*, por exemplo.

Nesse período, ao tempo que vou desenvolvendo pesquisas, volto a trabalhar na rede estadual de ensino, em escolas particulares e fui convidado pra trabalhar na Universidade Estadual do Maranhão, em Caxias e na UFPI como professor substituto em Teresina, Floriano e Parnaíba. Como pode ser constatado foi uma fase de intensas atividades. Vou fazer parte da célula de professores do estado do PC do B. Eu fui pra APEPI, hoje SINTE – Sindicato dos professores do estado do Piauí, na época era uma associação, Associação dos Professores do Piauí. Nessa condição fui eleito representante do Piauí em uma instituição nacional.

RQ – Já tinha concluído a dissertação de mestrado?

AN – Concluí minha dissertação de mestrado em 1985. Naquele tempo a CAPES era mais flexível em relação aos prazos. Terminei fazendo a dissertação sobre a Revolução de 1930 no Piauí. Ela foi publicada, mas o livro está esgotado há muito tempo. Alguns professores sentem a falta desse livro para trabalhar a história do Piauí, naquele momento riquíssimo da história do Brasil.

Fiz concurso duas ou três vezes na Universidade Federal do Piauí, mas não logrei aprovação, mas estava disposto a ser professor de uma universidade federal. Fiz um concurso na Paraíba, para o campus de Cajazeiras e fui aprovado. Na época os dois primeiros foram chamados e eu fiquei esperando. Surgiu uma vaga para o Departamento de Geografia e História da UFPI, ocorrendo a possibilidade de eu assumir aqui. Se você me perguntar como é que deram as negociações nos bastidores dessa negociação, não saberei responder.

No início da década de 1990 já tinha adquirido certa experiência de sala de aula e como pesquisador. Trabalhava em uma universidade pública, no Maranhão e na UFPI, em cursos regulares como professor substituto no curso de história, professor da

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

rede estadual, da rede particular e pesquisador do Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO. Foi nesse lugar que me construí como pesquisador.

RQ – Queria aproveitar essa sua fala! O senhor fez um trabalho sobre a Revolução de 1930⁵ no Piauí, desenvolvido através do mestrado na Universidade Federal do Pernambuco, como é que o senhor chega aos primeiros indícios de fogo na cidade de Teresina que te levaram à pesquisa do doutorado?

AN – Foi exatamente o Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO. As entrevistas que eu realizei, em sua maioria, tratavam dos incêndios. O Arimatéia Tito Filho tratou deles, o Antônio Vieira Sales falava do mesmo modo. Mas eu não via nenhum trabalho na universidade que os tivesse tomado como objeto de estudo. Então, fui tentando me aprofundar nessa temática. Comecei a escrever artigos sobre e publiquei na revista Cadernos de Teresina. Essas entrevistas me moveram a procurar livros que tratassem dos incêndios. E foi assim que encontrei *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina, um capítulo; *Trechos do meu caminho*, de Leônidas de Castro Melo; *Contos da Terra do Sol*, de Airton Sampaio, uma coletânea de contos, escritos a partir de memórias dos pais e de pessoas que viveram o drama dos incêndios. É o que o Michel Pollack chamou de *memória herdada*. Como ele é um bom contista, um bom escritor, escreveu esse conto; *Tempos de Leônidas*, escrito por Afonso Ligório, jornalista piauiense, radicado em Brasília. É uma defesa escancarada do Leônidas de Castro Melo⁶. Exime o interventor de qualquer responsabilidade sobre os incêndios.

A Fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) ocorreu em 1994, em um encontro na Fundação Getúlio Vargas, em Botafogo, mais precisamente no CPDOC. Estive presente naquele ato. Tenho me mantido fiel desde então, sempre

⁵ O Ano de obtenção do título é 1985.

⁶ Leônidas de Castro Melo. Médico, professor e político. Foi governador do estado do Piauí eleito pela assembleia constituinte assumindo em 1935. A partir de 1937 é indicado por Getúlio Vargas ao cargo de interventor até a queda do Estado Novo.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

envolvido da ABHO. Fui diretor da Regional Nordeste em meados de 1990. Voltei ao mesmo cargo em 2011, Em 2012 fui eleito presidente nacional para o biênio, 2012-2014. Em maio de 2014 realizou-se encontro nacional em Teresina⁷, ele ocorre sempre onde o presidente mora.

Em nível local, além no Núcleo de História Oral, da CEPRO, onde comecei, na Universidade Federal do Piauí, um grupo de professores, por volta de 1994 e 1995, entre os quais eu destaco Cecília Nunes, Aglair Setúbal, Fonseca Neto, Mafalda Baldoino e Alcides Nascimento, começaram a estudar História Oral, nascendo daí o Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí.

Nesse momento eu estava saindo para o Doutorado. Na construção da tese vou trabalhar com entrevistas. A tese é sobre o processo de modernização em Teresina sob o Estado Novo. A cidade possuía dois jornais circulando periodicamente durante o Estado Novo: o *Diário Oficial* e *O Gazeta*. As dificuldades para realizar a pesquisa foram grandes, mas como já tinha certa experiência com a metodologia da história oral, fui localizando pessoas que tiveram suas casas queimadas, pessoas que viveram na cidade, que assistiram os incêndios, que participaram do movimento de apagar o fogo. Fiz 17 entrevistas. Esse material foi a principal fonte, não a única.

RQ – Como se deu o processo de busca por esses entrevistados? Como conseguiu encontrá-los?

AN – É preciso pensar na seguinte questão: quais eram os meus objetivos? Quando você vai fazer um entrevista deve ter um projeto. No caso os objetivos eram os da tese. Como é que eu vou localizar essas pessoas? Em primeiro lugar, tinham que ser pessoas com mais ou menos quatorze ou quinze anos lá no início da década de 1930. Por quê? Porque essas pessoas já possuíam uma certa maturidade pra

⁷ O XII Encontro Nacional de História Oral: política, ética e conhecimento aconteceu em Teresina, de 06 a 09 de maio de 2014.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

entender o que estava acontecendo na cidade. Eu encontrei um conjunto de intelectuais na Academia Piauiense de Letras, dentre os quais destaco Manoel Paulo Nunes, Arimatéia Tito Filho, William Palha Dias. Fiz uma entrevista com Luís Ribeiro Magalhães, morador na cidade por ocasião dos incêndios. Entrevistei o pai de uma aluna da graduação em história, uma senhora que morava no bairro Mocaminho que teve a casa queimada. Entrevistei Genú Moraes, filha do Eurípedes Clementino de Aguiar, adversário do interventor. Tentei encontrar o processo dos incêndios, mas eu não consegui. Só tive acesso à defesa dos acusados que foi publicada por José Candido Ferraz, adversário do interventor. Conversei com pessoas que se negaram gravar, mas falaram das queimadas como foi o caso de um marceneiro que fez um pequeno serviço em minha casa. Tinha medo de falar sobre.

Quando a ditadura de Getúlio começou a perder força, um grupo de piauienses morando no Rio de Janeiro, dentre eles, Arimatéia Tito Filho, bancados pelo Candido Ferraz, começa a publicar um jornal naquela cidade que é enviado para Teresina. O interventor Leônidas de Castro Melo não tinha como impedir o desembarque dos jornais e sua distribuição na cidade. Empreguei esses jornais, com o cuidado que devemos ter com todas as fontes. Entretanto era um noticioso do grupo político adversário do interventor.

Montei um Núcleo de História Oral no Instituto Dom Barreto, escola da rede particular de ensino de Teresina. O diretor da instituição, o então professor Marcílio Ferraz queria que o "Dom Barreto" fizesse entrevista com pessoas públicas que tivessem atuado em Teresina. O Instituto pagou uma bolsista, Marilu Oliveira, que ajudou na construção dos roteiros de entrevistas, nas entrevistas propriamente ditas e na transcrição delas.

RQ - Desde a conclusão do doutorado e a publicação da tese intitulada Cidade Sob o Fogo você desenvolveu diversos projetos de pesquisa sobre a cidade, empregando a metodologia, mas a maior parte das entrevistas está ligada a pesquisas realizadas por

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

alunos da graduação e ao programa de pós-graduação. Quais outros rastros da memória sobre a cidade encontrou nesse percurso, para além do tema dos incêndios?

AN – Ah, foram muitos! Porque quando eu cheguei do doutorado, em 1999, logo ali, em 2004, nasceu o Programa de pós-graduação. Mas tinha feito projetos como *Dos Anos dourados aos anos de chumbo* e a *História do Rádio no Piauí*. Esses projetos receberam alunos da Iniciação Científica. Hoje alguns deles são mestres, doutores e professores de universidades públicas do Brasil. Então, não é bem rastro, são pesquisas que foram sendo realizadas e, a partir das quais, nasceu o trabalho da Nilsângela Cardoso sobre a Rádio Difusora de Teresina, do Cleto Sandys, sobre a Rádio Educadora de Parnaíba. Antes desses dois ou ali muito próximo fui contratado para fazer um livro sobre a Rádio Pioneira de Teresina. Quem assina sou eu, mas a pesquisa foi realizada por Marilu Oliveira, Nilsângela Cardoso, Francisco Santiago Jr., José Maria Andrade. Todos esses pesquisadores são doutores ou estão terminando o doutorado.

Do projeto *Dos Anos dourados aos anos de chumbo*, nasceram a monografia e dissertação de mestrado de Marilu Oliveira que trabalhou com o governo de Francisco Chagas Rodrigues.

Na sequência, nasceu o projeto *Sentimentos e Ressentimentos dos pobres em Teresina na década de 1970*. Veja que as pesquisas foram avançando dos anos de 1930 para os de 1970. Com esse projeto conquisei uma bolsa de produtividade do CNPQ e a mantive por seis anos. Produzindo e orientando projetos ligados à Teresina da década de 1970. Nesta década, o tecido urbano de Teresina sofreu uma intervenção substantiva e é um momento em que o número de habitantes cresceu de forma acelerada, cresceu a cidade, cresceram os problemas sociais. Teresina é uma cidade em que o grande empregador sempre foi o estado e nos anos de 1970 e 1980, uma grande parcela dos moradores vivia na absoluta miséria. Eu ouvia e lia o

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

prefeito Wall Ferraz discutindo a necessidade de geração de emprego e renda, pois boa parte da população vivia do subemprego ou estava desempregada.

No projeto *Sentimento e Ressentimentos* abarca um vasto conjunto de temas: saúde, doença, pobreza, migração, pessoas expulsas das proximidades do centro para áreas periféricas da cidade, dentre outros. Regiane Lima Monte⁸ fez um belo trabalho sobre a expulsão dos pobres das proximidades do centro de Teresina. Débora Silva Viana⁹ fez trabalho espetacular sobre a construção civil, especialmente a construção do Estádio Albertão. Quer dizer, foram os projetos que eu montei e deles nasceram subprojetos de iniciação científica, monografia de final de curso, mestrado e, às vezes, de doutorado.

R.Q – Grande parte do desenvolvimento de suas pesquisas é baseado no olhar sobre a cidade e tem como fundamentação as fontes produzidas através da metodologia da história oral. Atualmente seu foco continua sendo Cidades? Com que outras fontes você anda dialogando nos últimos anos?

AN – Nos últimos três ou quatro anos incluí outras fontes em minhas pesquisas, mas não deixei cidades. Na verdade, a cidade continua sendo o foco das minhas preocupações. A diferença é que embora não tenha deixado Teresina, passei a olhar para uma cidade pequena, do sul do Piauí, chamada Oeiras e a motivação foi de trabalhar com *intelectuais*. Trabalhar com *intelectuais* me levou à *escrita de si*, que me levou a *Possidônio Queiroz*¹⁰. Algumas coisas já foram publicadas, seja em livros

⁸ Monte, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. – 2010. 235 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós- Graduação em História do Brasil, 2010.

⁹ VIANA, Débora Silva. Entre o concreto e o etéreo: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970. – 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2010.

¹⁰ Possidônio Nunes Queiroz (1904-1996) foi um intelectual que nasceu e viveu na cidade de Oeiras, Piauí. Lá participou de grande parte das manifestações socioculturais. Foi professor de português,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

ou em revistas. Os textos têm sempre uma ligação com *cidade, intelectual e correspondência*. Tenho uma certa ansiedade para trabalhar com coisas que me chamam atenção. Correspondência me encantou. Iniciei o trabalho com cartas indo à Oeiras, ministrar um curso. Na verdade, o primeiro material de Possidônio que tive acesso foram *scripts* de um programa de rádio, conduzido por ele na emissora Primeira Capital. Depois, o meu envolvimento com um projeto de pesquisa terminou me levando a Oeiras, tendo acesso às cartas de Possidônio; e aí comecei a escrever sobre Possidônio, Oeiras, escrita de si. No momento oriento uma dissertação de mestrado que envolve Oeiras e a escrita de si e sou uma espécie de co-orientador de uma tese de doutorado.

RQ – Do ponto de vista metodológico como é que você analisa as cartas fazendo uma comparação com outros tipos de fontes?

AN – Bom, eu não vou fazer nenhum tipo de comparação, certo! As cartas são fontes como as outras fontes são. São fontes com características distintas de outras fontes. Dependendo da correspondência as pessoas abrem o seu coração para o seu correspondente. Falam de coisas que só falam para pessoas de confiança. Mesmo

história, advogado rábula, músico e redator do jornal "O Cometa" (1971-1976), mantendo a coluna História de Oeiras. Participou da criação do Instituto Histórico de Oeiras, também nos anos de 1970. Conferir: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Oeiras nos rastros de O Cometa**. Anais do X Encontro Sudeste de História Oral: Educação das Sensibilidades, violência, desafios contemporâneos, edição 1, 2013, Campinas - SP; **Oeiras por meio das cartas de Possidônio**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol 10, Ano X, nº 1, 2013; **As cidades de Possidônio**. Vi Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, UFPI, 2013. TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **Conversa entre amigos: correspondências trocadas entre Possidônio Queiroz e Buggy Brito**. III seminário internacional História e Historiografia/ X seminário de pesquisa do Departamento de História da UFC, outubro de 2012. LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Os arranjos da Música em Oeiras por meio das cartas de Possidônio Queiroz**. Anais, Encontro de História do Campus "Prof. Possidônio Queiroz", agosto de 2013; **Entre a escrita de si e a escrita historiográfica: Possidônio Queiroz e a escrita historiográfica nas revistas do Instituto Histórico de Oeiras** In: II Encontro de História do Campus Possidônio Queiroz, 2015, Oeiras/PI. Anais II Encontro de História Campus Possidônio Queiroz. , 2015; **Possidônio Queiroz e as recordações sobre cotidiano de Oeiras na década de 1920** In: I Simpósio Internacional Brasil e Itália, 2015, São Luís/MA. Anais I Simpósio Internacional Brasil e Itália: cruzamentos transatlânticos e questões interdisciplinares, 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p351>

tendo confiança elas não falam tudo, mas dependendo das circunstâncias e da amizade elas podem falar de saúde, de doenças, sofrimento de dores, de amores, do cotidiano, da cidade. São fontes riquíssimas em minha opinião.

As cartas terminam guardando alguma semelhança com a autobiografia, porque com a escrita de si, tenta-se enxergar a alma do outro. Cada carta é uma fonte inesgotável. Depende das perguntas que você vai fazer para elas e é assim com todas as fontes. Não pretendo deixar a história oral. Nós fizemos três entrevistas relacionadas à Oeiras e à Possidônio e tenho certeza que vou explorar essas entrevistas. Não sei o que, mas sei que vou escrever tendo como fontes as entrevistas. Aliás temos um compromisso de fazer mais uma entrevista nesse mesmo foco, com esse mesmo objetivo.

RQ – Bem, professor, essas foram as questões que me trouxeram aqui falando sobre essa sua colaboração para a historiografia do Piauí, seu trabalho com a metodologia da história oral. Você tem alguma coisa a mais para falar, para complementar?

AN – Na verdade, numa entrevista como essa vão ficando vazios, vão ficando vácuos que depois você lembra: devia ter falado isso, devia ter falado daquilo. Mas este é um trabalho com a memória que não é linear e não obedece a uma ordem fixa. Creio que de uma forma sintética percorri o caminho que eu fiz trabalhando, tentando produzir e orientando pessoas a caminhar também, mas esse trabalho não é nenhum favor, estou cumprindo minha obrigação, desejando sempre fazê-la da melhor forma que me é possível fazê-la.